

A 'aldeia educativa' como condição para uma vida saudável: reflexões a partir do Pacto Educativo Global

The 'educational village' as a condition for a healthy life: reflections from the Global Educational Pact

Elizeu da Conceição ¹

Resumo

A preocupação eclesial com a educação tem contribuído – seja em seus institutos de ensino, seja através de seus documentos – para a consolidação de uma prática educativa que leva em consideração a integralidade humana. É perceptível que novas chaves de leitura cultural, social e antropológica são oferecidas a partir da inserção da temática educativa na grande missão salvífica da Igreja. É na formação de uma 'aldeia' em que todas as áreas do conhecimento, dentro e fora do espaço escolar, devem visar o crescimento humano para torná-lo 'imagem, conforme a semelhança de Deus'. Deste modo, refletimos sobre os desafios, novidades e perspectivas da 'aldeia educativa', especialmente em contexto Latino-americano, com prioridade para a realidade brasileira. Somente com esta ideia de uma vila organizada em vista da educação, em que todos, enraizados em suas realidades, são corresponsáveis uns pelos outros é que, se poderá oferecer condições de integrar-se com toda natureza e com toda sociedade em uma relação de vida saudável, gerando, portanto, o bem-viver. Nossa pesquisa bibliográfica propõe trazer à luz uma das propostas do Pacto Educativo Global e ampliar o discurso para nossa realidade Latino-americana.

Palavras-chave: Pacto Educativo Global. Aldeia educativa. Papa Francisco. Paulo Freire. Vida saudável.

Abstract

The ecclesiastical concern with education has contributed – whether in its teaching institutes or through its documents – to the consolidation of an educational practice that takes human integrity into account. It is noticeable that new cultural, social and anthropological reading keys are offered from the insertion of the great salvific educational pedagogical mission of the Church. It is in the formation of a 'village' in which all areas of knowledge, inside and outside the school space, must aim at human growth to make it an 'image, according to the likeness of God'. In this way, we reflect on the challenges,

¹ Università Pontificia Salesiana, Roma, Itália. Doutor em Teologia Pastoral, e-mail: p.elizeudaconceicao@gmail.com

novelties and perspectives of the 'educational village', especially in the Latin American context, with priority for the Brazilian reality. Only with this idea of a village organized with a view to education, in which everyone, rooted in their realities, are co-responsible for each other, will conditions be offered to integrate with all of nature and with all of society in a relationship of life healthy, thus generating well-being. Our bibliographical research proposes to bring to light one of the proposals of the Global Educational Pact and expand the discourse to our Latin American reality.

Keywords: *Global Education Pact. Educational village. Pope Francis. Paulo Freire. Healthy life.*

Introdução

Uma das características peculiares do pontificado do Papa Francisco é “iniciar processos”. Entendemos, então, que em diversos âmbitos da vida é necessário abrir possibilidades de caminhada e de crescimento e favorecer com que as pessoas façam seus percursos existenciais. Em esfera educativa, o Santo Padre convocou os líderes mundiais para se comprometerem a reconstruir um pacto educativo global. Esta visão vem se manifestando em recorrentes falas e documentos e abre um leque de relações educativas. Já na carta encíclica *Laudato si'*, o Papa lembra que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (LS, n. 215).

Este pacto educativo tem em vista a formação de pessoas que se humanizem dentro de uma relação contínua de trocas de experiências, de afetos, de serviços, de capacidades e de reflexões. Para tanto, é necessário construir uma 'aldeia' como condição para educar e para introduzir à fraternidade. Neste artigo, nos movemos na procura da compreensão da expressão “aldeia educativa” como fonte para uma vida saudável. Percebemos que se refere a uma abertura de relações humanas que eduquem e que ultrapassem apenas as dimensões das aulas nas escolas e universidades, mas se transforme em uma “gama de experiências de vida e processos de aprendizagem e que consinta aos jovens, individual e coletivamente, de desenvolver a sua personalidade” (FRANCISCO, 2019, p. 3). Partimos da tese de que na relação de justo equilíbrio entre crescimento tecnológico e cuidado com a mãe terra e com os seres vivos, emanará condições para uma vida saudável.

Usaremos constantemente a junção das palavras 'aldeia educativa'. A expressão aldeia talvez pareça distante dos centros urbanos, sendo mais familiar à organização rural. Mas é o lugar em que todos se conhecem e criam naturalmente responsabilidades que superam os acordos regidos pelas normas legais. Já a expressão 'educação', é compreendida a partir da raiz latina *educere*, que carrega o sentido de criar, nutrir, fazer crescer, trazer à luz. Sendo assim, trataremos de conceitos que podem se traduzir em realidade em nossas comunidades, pois o Pacto Educativo Global quer estabelecer redes nos povoados de modo que tragam à luz a dignidade humana na sua relação plena com a realidade em que está inserida.

Os desafios educativos impostos pelos centros urbanos

Com o desafio pujante da desigualdade social em nossa realidade brasileira, que desencadeou uma grande violência estrutural e civil, levando até à proclamação da corrida armamentista como solução para este problema, vemos se fortalecer uma aldeia em que realmente “o homem é o lobo do homem” (HOBBS, 2000, p. 52). A dimensão de animal selvagem, capaz de grandes atrocidades e barbáries, leva o ser humano a se tornar inimigo da sua própria espécie e viver preocupado unicamente com a sua própria segurança e com o seu próprio crescimento. Com a inspiração do Papa Francisco superando, no entanto, a ideia de fatalismo social, podemos afirmar que a ideia beligerante “serve apenas para tentar enganar aqueles que reclamam maior segurança, como se hoje não se soubesse que as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos” (EG, n. 40). A violência institucional tem gerado caos tanto nas periferias como nos grandes centros urbanos e isso influencia diretamente na educação à humanidade das crianças e jovens. Tantas pessoas influentes nas mídias sociais ou em comunidades educativas se comprazem em culpar os pobres ou as áreas pobres das cidades como fonte da violência e o pior é que “pretendem encontrar a solução numa 'educação' que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos” (EG, n. 40).

Outro desafio de enorme importância a ser considerado é o da proliferação de novos movimentos educativos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros parecem propor uma educação sem levar em consideração a pessoa, mas apenas o número de seres formados como se fossem os novos 'consumidores famintos'. Neste sentido podemos citar a pretensão daqueles que propagam a ideia de “escolas sem partidos”, a “militarização

das escolas” a “educação sem escola”, “a educação bancária” etc. Em face a estas propostas, temos que recordar que a educação não é um ato isolado, só é possível uma educação em relação: “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2021b, p. 101).

Ainda é possível elencar desafios no caminho formativo de humanização em que ninguém seja excluído. Pensemos, por exemplo, nas cidades, inclusive naquelas menores, em que não se pode ignorar o impacto que muitas situações causam no processo educativo das novas gerações. Situações que nem mesmo o estado sabe como lidar: o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, a corrupção, o crime organizado, o envenenamento dos rios e da terra, a indiferença ou o radicalismo religioso, o uso desumano da tecnologia etc. Tudo isso questiona o sistema educativo e a opção que estamos fazendo por uma humanidade mais sensível à situação de pobreza no Brasil. Parece que as referências humanas de hoje ainda são as elites perversas, que continuam explorando o povo para disputarem os primeiros lugares nos rankings dos mais ricos.

Tudo parece conclamar para um modelo de sociedade feita de bolhas, ou seja, espaços em que alguns grupos privilegiados tenham acesso e outros não. Na contramão desta realidade pode estar uma educação que não anestesie e nem iniba o poder criador das novas gerações, mas que, ao contrário, produza uma educação problematizadora, reflexiva, investigativa, crítica e em constante diálogo com outros investigadores críticos fazendo emergir, disso, um conhecimento prático. Mais do que a imersão em realidades para se tornar educador, este modelo educativo faz emergir o conhecimento que é próprio das relações humanas feitas de autenticidades. Este é um novo paradigma educativo? Sabemos que ‘não’ e ‘sim’. Não, porque existe a tempos a discussão dos modelos ou das pedagogias que coloquem ao centro o humano e a partir dele e de suas relações se criem mais do que conteúdos em si, mas métodos de conhecimento e de humanização. Sim, é um paradigma novo, pois, apesar do tempo, continua sendo novo já que não foi possível colocá-lo em prática de modo sistemático e sistêmico.

Um novo paradigma educativo

Convictos de que “a educação na primeira infância é de suma importância, pois possibilita que a criança socialize e interaja desenvolvendo suas habilidades” (CF n. 78), temos plena consciência de que a educação não termina nessa etapa da vida. Toda vida tem seu estilo e suas características próprias e exige um modelo formativo adequado. Para tanto, é necessário passar de um paradigma educativo da transmissão de conhecimento para o da interação, gerador de conhecimento.

Na base educativa, está o desejo de dar a cada pessoa os instrumentos necessários para que ela cresça em humanidade. Diante do atual cenário social, ainda temos que correr atrás de um sistema educativo defasado, que se preocupa, na maioria das vezes, com o preenchimento de currículo ou, na melhor das hipóteses, para a preparação para o mercado de trabalho. Já o grande educador Paulo Freire, por meio da sua obra *Pedagogia do Oprimido* mostra sua preocupação com uma pedagogia que seja capaz de levar o ser humano à luta, como sujeito da própria libertação. É uma pedagogia humanista e libertadora na medida em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão se comprometendo, na *práxis*, com a sua transformação, modificando a realidade opressora. Esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia das pessoas em processo de permanente libertação. Este modelo pedagógico dá suporte à organização pastoral, promovendo um processo educativo ao sentido existencial.

Toda ação pastoral deve ser, também, educativa, integrando os esforços das instituições escolares. “Um aspecto que marca a realidade escolar é a dívida histórica do país com a ‘qualidade de educação ofertada’” (CF, n. 72). Isso tem gerado baixo aprendizado e tem dificultado a produção de condições para superar as desigualdades sociais. É por isso que percebemos a necessidade da mudança de paradigma educativo, a ponto de construirmos uma aldeia educativa, ou seja, uma gama de instituições e pessoas que se movam em um mesmo objetivo, o da educação. Mais do que pessoas destinadas a este ofício (que é extremamente necessário), acreditamos em ambientes que

educam. E só será possível criar tais ambientes à medida que pessoas se ocupem de modo real e autêntico na arte de educar. A ocupação educativa autêntica se dá à medida que nosso pensamento esteja conectado com o pensamento dos outros, ou seja, quando os outros também pensam. “Não posso pensar *pelos* outros nem *para* os outros, nem *sem* os outros” (FREIRE, 2021b, p. 141). O outro deve ser sujeito do seu pensar. Desse modo, todos os que se ocupam da nobre arte de ensinar devem tomar consciência de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2021a, p. 47).

Este novo modo de conceber a educação se contrapõe ao modelo que é “elitista, excludente, tecnicista e intelectualista, (e que) cria uma cultura egoísta da indiferença, que ignora a humanidade e o desejo de civilização do amor” (GWIAZDECKI, 2021, p. 88). Por isso, nasce uma emergência educativa e a resposta para isso “não se limita a uma atividade ou uma nova disciplina. Tão pouco é resposta exclusiva da escola, mas sim responsabilidade de toda a ‘aldeia global’” (GWIAZDECKI, 2021, p. 88). O que é, então, a aldeia educativa? Ou melhor, em quais pontos se concretiza ou se concretizaria esta vila educativa? Antes mesmo de refletir sobre isso, é necessário tocar em um ponto importante que já citamos: o de que a educação é feita também pelos espaços.

Para além do escolar, o universo educativo é pontuado pela adoção de categorias que a dividem pelos setores formal, não-formal e informal. A educação *formal* passa pelos espaços escolares, em que existe uma pedagogia que segue uma estrutura e planejamento intencional que certificam o conhecimento no final do curso. A *não formal* é composta de menor grau de estruturação e sistematização, mas com intencionalidade em sua prática pedagógica. São espaços de interação fora do ambiente escolar, mas que têm como objetivo a formação em determinada área humana. A educação *informal* é constituída “pelo conjunto de processos e fatores que geram efeitos educativos sem que eles tenham sido expressamente configurados para esse fim” (CARRANO, 2003, p. 17). Não é uma educação composta de um sistema pedagógico intencionado e bem articulado, mas de elementos e situações que ocorrem informalmente. Podemos dizer que a rua, a praça, o cinema e o jardim educam. Então, deve-se colocar a seguinte questão: como ser aliado destes espaços e torná-los ainda mais educativos?

As associações, os movimentos sociais, as instituições em geral podem e devem contribuir com a educação nos espaços em que se encontram. Com esta visão, podemos entender melhor uma aldeia educativa, já que nossos bairros deveriam ser a vila educativa para todos os seus habitantes.

A aldeia educativa

Uma aldeia que educa, nos moldes da proposta do Papa Francisco, engloba as famílias, a Igreja, o poder público e organizações como corresponsáveis pela educação das novas gerações e dos povos em geral. Ao centro da ação educativa está a relação humana, uma relação entre pessoas e não entre funções. Por isso, nesta aldeia a escola tem o seu papel fundamental, no entanto, não substitui o contexto educativo familiar “nem é o único espaço social onde se faz educação. Mas é um lugar onde, de modo sistêmico, articulado e especializado, se faz a educação formal e se capacita para a cidadania, o trabalho e as complexas relações sociais” (CF, n. 69).

A força emanada das diversas áreas e instâncias pelo humano se interessa, necessariamente, pela realidade de empobrecimento, de vidas descartadas, de exclusão social, porque se interessa pela vida digna de todos e procura colocar ao centro a pessoa. Em contrapartida, no contexto atual, nos deparamos com uma sociedade estruturada por uma “economia sem rosto” (EG, n. 55), em cuja base está uma séria falta de orientação antropológica. Na atual economia, o homem é considerado como um mero instrumento e não é considerado em todo o seu valor ou em toda a sua integralidade. Ele é reduzido a um bem de consumo, de acordo com a lógica impiedosa do descartável. A criança e o jovem entram em cheio nessa dinâmica de mercado consumidor. Sendo assim, a ação educativa com eles procura meios para chamá-los à vida em sua plenitude. No sentido eclesial, Papa Francisco exorta “as comunidades a fazerem, com respeito e seriedade, um exame da sua realidade juvenil mais próxima, para poderem discernir os percursos

pastorais mais apropriados" (CV, n. 103). Esse exame da realidade ajuda a superar a superficialidade das propostas pastorais e educativas com "clareza nos objetivos, na teologia, na catequese e no caminho a percorrer" (CNBB, 2007, n. 160). Mas, assim como o Santo Padre afirma na exortação Apostólica *Christus vivit*, "Trata-se de colocar em campo a sagacidade, o engenho e o conhecimento que os próprios jovens têm da sensibilidade, linguagem e problemáticas dos outros jovens" (CV, n. 203), a ação educativa com as crianças e os jovens deverá ser, portanto, atenta a todas as situações que envolvam a pessoa, desde a realidade econômica/social à realidade de fé, caso contrário, será superficial em seus esforços. A pessoa, ao centro da aldeia educativa, tem seu processo formativo como possibilitador de desenvolvimento da sua personalidade. O grande compromisso e bem de tudo isso é que a aldeia educativa forma pessoas disponíveis para o serviço da comunidade e "gera uma rede de relações humanas e abertas, que transcendem os ambientes formais de educação" (CIEC, p. 26). É com esta noção que reafirmamos as categorias educativas: formal, não formal e informal.

Para pensar na construção desta rede se deve ter o pressuposto de que a aliança com todos os poderes públicos e todas as forças sociais é fundamental.

(...) uma aliança entre os/as protagonistas na missão educativa, um caminho cooperativo e colaborativo, que envolva todos, motivando-os a reconhecerem papéis e responsabilidades específicas e/ou compartilhadas. Esse compromisso educativo define iniciativas que efetivem uma educação integral e inclusiva, de modo que, pautada em relações fraternas, solidárias e dialógicas, sinalize um novo modelo de convivência com o outro e com a Casa Comum. (CIEC, p. 26).

A aliança com os vários atores sociais possibilita visualizar as várias instâncias que produzem mais do que produtos consumíveis, mas que têm potenciais de construir meios e espaços em que a humanidade cresça com dignidade. Tal aliança deve ser feita de modo que integre as diferentes gerações, levando em consideração os professores, as famílias, as expressões artísticas, desportivas, políticas, empresariais etc.

Ainda, um espaço importante a ser considerado é o espaço virtual, principalmente neste tempo de pandemia. É nele que pode ser orientado um intercâmbio fecundo de informações, nele também pode haver "gratuidade que acolhe, a valorização do conteúdo com sabor local, a abertura ao horizonte universal, a superação do narcisismo bairrista, a inclusão dos mais frágeis e dos pobres" (CF, n. 68). Assim, superaria as opiniões agressivas, tão difusas neste ambiente, e criaria o espaço de diálogo social inclusivo.

Citado alguns espaços, temos que considerar o "tempo", que é outro elemento indispensável nesta grande rede. Com o princípio: "o tempo é superior ao espaço", o Papa Francisco alerta para a necessidade de "trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos" (EG, n. 223). Somente assim será possível privilegiar o tempo de processos em vez de espaços de poder. Não se pode deixar de lado o tempo em que se vive. Como exemplo claro, não é possível falar em formação integral humana sem considerar o tempo de pandemia em que vivemos. Mas existe, no entanto, um padrão para avaliar o tempo, este padrão está explícito no questionamento: A época atual desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser, levando à plenitude a existência de todos os seres, especialmente a da humanidade? Este questionamento exige a reflexão de se o tempo atual revela a falta de atenção a determinada área da vida ou não, ou melhor, em qual área se está privilegiando esforços, atenção e investimentos em detrimento de outras esferas?

A reflexão acerca do espaço e do tempo são oportunas no conhecimento da aldeia que educa, mas o que é essa aldeia? Quem a habita? É a ideia de que as nossas vilas e bairros, principalmente os mais populares, sejam organizados de modo que as relações sociais se baseiem em responsabilidades mútuas. Há uma corresponsabilidade, ou seja, uma consciência de que cada ator social com suas habilidades e possibilidades sejam corresponsáveis nos diversos âmbitos organizativos e construtivos daquela comunidade. Cada pessoa precisa sentir-se corresponsável, mesmo que suas atividades laborativas sejam em outros bairros, mas onde está a sua residência está também a sua

responsabilidade, principalmente no reconhecimento do valor de ensinar as crianças e jovens e, ao mesmo tempo, aprender com elas a viver o presente de modo ético, serviçal e feliz e, o futuro, com esperança de garantia de longevidade nas estruturas humanizadora.

Um lugar assim, com pessoas conscientes de suas responsabilidades, possibilita a todos o bem-viver, que, segundo Paul Ricoeur, é a “vida boa”, “vida feliz”, “vida concluída”, isto é, uma “vida verdadeira”, mas nem com todos esses adjetivos se pode confundir o bem-viver com a vida perfeita, no sentido de essencialidade, mas deve ser interpretado na relação da visão ética, em que possa ter a ruptura com os sistemas enrijecidos ou apenas formais e criar condições de novos recomeços. Tudo deve estar embasado, sobretudo, pela justiça e igualdade. Sendo assim, o bem-viver, segundo Paul Ricoeur, se desenvolve ou só é possível na perspectiva social e comunitária. E, a vida remete exatamente ao sentido da realização do “homem completo por oposição às práticas fragmentárias” (RICOEUR, 1991, p. 209).

Os educadores-educandos

Na ideia de uma aldeia que educa, os educadores se multiplicam, alguns ganham destaque especial como os professores, os pais, os agentes de pastorais, as instituições. Mas todos os seus habitantes, são corresponsáveis na arte de educar, no entanto, surge um ponto fundamental: Ninguém educa ninguém, as pessoas se educam entre si, ou seja, não existe a dicotomia de educadores de um lado e educandos de outro, já que ninguém é um recipiente vazio “a quem o mundo encha de conteúdos” (FREIRE, 2021b, p. 94). É, justamente, na relação dialógica que o “educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2021b, p. 95).

Em relação aos professores, grandes educadores, vale recordar que eles são os “artesãos das gerações futuras. Com seu saber, paciência e dedicação, transmitem uma maneira de ser que se transforma em riqueza, não material, mas imaterial, criando o homem e a mulher do amanhã” (PAPA FRANCISCO, 2020). São os responsáveis pela educação formal, mas não só. Os professores precisam, por isso, ser bem preparados academicamente, economicamente, humanamente para darem suporte adequado aos estudantes. Antes de tudo, é necessário formar a consciência, nos professores, de que a “educação é uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração. Por conseguinte, a educação apresenta-se como um antídoto natural à cultura individualista” (PAPA FRANCISCO, 2020). Neste processo deve-se abrir à convivência e ao diálogo construtivo, isso quebra a lógica individualista. O Santo Padre alerta ainda para a necessidade de as pessoas estarem abertas a aprender: “Os jovens compreendem, farejam, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, incompleto, que procuram um mais, e assim contagiam os estudantes com esta atitude. Eis um dos motivos pelos quais eu amo a escola” (PAPA FRANCISCO, 2020). Só educa quem é aberto para ser educado, quem se deixa ser moldado pela realidade.

Neste sistema, os professores não perdem sua função ou sua profissão. Mas devem estar dentro de um sistema educativo mais amplo do que apenas o formal. A Campanha da Fraternidade de 2022 afirma que:

Aos professores, especialmente, protagonistas por excelência do ato educativo, e a quem estão diretamente relacionadas as questões da metodologia do ensino, da aprendizagem dos estudantes, de sua avaliação, impõe-se repensar o ato educativo para além da já tradicional lógica das perguntas e respostas pré-elaboradas e, muitas vezes, distantes da realidade. Criar formas de interação e aprendizagem, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem não seja apenas eficiente, mas sobretudo eficaz, auxiliando para que o aprendiz possa apropriar-se dos conhecimentos, em um espiral que contempla teoria e prática (CF, n. 116).

E os educandos, como podem contribuir nesta aldeia? Não se trata logicamente de funções específicas ou predeterminadas como sendo diferente dos educadores, mas na relação de constante pesquisa, questionamento e

vivências enraizadas na sua realidade. Aqui está uma das grandes contribuições de Paulo Freire, pois sua pedagogia chama a uma relação dialógica entre as pessoas e destas com a sua própria realidade, tendo como objetivo a sua transformação. “Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história (...). Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender” (BOFF, 2021, p. 9). Isso não quer dizer que se prega uma realidade sem professores, quer dizer que todos são abertos ao saber e ao ensinar, independente da fase em que se encontrem. No entanto, continua o papel indispensável dos professores e dos institutos de ensino.

Balizando alguns compromissos

São sete os compromissos importantes que nascem do Pacto Educativo Global e que podem gerar o bem-viver em nossas realidades. São eles: Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo; ouvir as gerações mais novas; promover a mulher; responsabilizar a família; se abrir à acolhida; renovar a economia e a política; cuidar da casa comum.

Esses compromissos já foram citados, de alguma forma, ao longo do texto, mas é importante sintetizá-los para que inspirem uma abertura maior ao pacto que se faz urgente. Ao centro de tudo está a pessoa e a relação humana. Não se pode perder a memória de que as funções e os cargos de cada pessoa são instrumentos para o relacionamento entre sujeito e sujeito. É assim que a promoção da mulher se torna algo urgente e necessário, pois em uma sociedade que oprime a mulher, tirando-lhe direitos, não se pode construir nem fortalecer um pacto educativo. Da mesma forma, as novas gerações são a grande abertura ao novo e ao humano. Diante da abertura educativa viva que encontramos nas crianças, independente de que lugar social estão, percebemos uma ‘reserva’ moral que guarda valores de autêntico humanismo. Tais valores precisam ser acompanhados, cuidados e fortalecidos, pois representam a grande riqueza da pessoa. Neste sentido as crianças são educadoras e precisa-se, então, de espaço em que possam fazer o que mais gostam, brincarem ensinando. Na relação mais próxima das novas gerações estão os familiares. A família, embora fugindo de paradigmas e concepções fechadas sobre a família, mas as pessoas das relações familiares são fundamentais no crescimento saudável da criança, para isso, eles precisam ter condições de vida digna. Um dos compromissos importantes que se deve assumir para construir a aldeia educativa é a abertura à acolhida daqueles que chegam, ou seja, aos imigrantes. Essa abertura nos recorda que somos todos imigrantes. Somente assim uma nova economia, com rosto, com destino certo, com compromisso no bem da comunidade é que vai gerar uma nova humanidade, uma humanidade acolhedora. Por último, e como ponto fundamental, está o cuidado com a casa comum. Não é possível existir vida saudável sem o cuidado com a mãe terra. O surgimento de novos vírus demonstra o caminho errado que tomamos até aqui, caminho de destruição da terra e, portanto, de surgimento de vírus que até então eram desconhecidos.

Enfim, os compromissos elencados nos ajudam na superação das desigualdades gritantes, desumanas, cruéis que se revelam a todo instante. A luta pela humanização prevê a superação de alguns lutando pela libertação de outros, mas de todos buscando saídas e caminhos de libertação. “Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem-alimentada da máquina” (FREIRE, 2021b, p. 76).

Toda luta, parte de uma realidade e de um ideal. A utopia é fundamental pois nos move para frente, sem nos desconectar da realidade. Por isso, os compromissos necessários para este pacto educativo faz com que “educador e educandos (lideranças e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvela-la e, assim, criticamente conhece-la, mas também no de recriar este conhecimento” (FREIRE, 2021b, p. 78).

Considerações finais

O percurso percorrido nesta reflexão nos leva a acreditar em uma formação humana que vai além a lógica mercadológica e dos exames regulamentares tais como “Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e vestibulares” (CF. n. 113), mas constitui-se na pauta do dia para todas as instituições e lideranças que lidam com pessoas.

Se faz necessário uma integração de linguagens: “a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos. Que um educando pensa o que sente e o que faz, sinta o que pensa e o que faz, e faça o que sente e o que pensa” (PAPA FRANCISCO, 2020). Somente nesta sintonia em que as pessoas também se reconhecem como inacabadas, inconclusas e abertas ao crescimento é que a educação terá raízes profundas no humano e para o humano. Pois é nesta consciência que a pessoa se abre ao diálogo e, conseqüentemente, ao comunitário, formando, então, a aldeia educativa.

Portanto, mais do que apenas uma organização social, este pacto educativo visa a qualidade de vida que passa pelo conhecimento, pela fé, pela saúde física, psíquica e espiritual. A salvação não é mais vista como apenas um privilégio da alma, mas como chamado ao corpo, não é mais dirigido apenas ao indivíduo, mas ao comunitário. Tudo isso faz parte do pacto educativo que, incentivando uma aldeia que educa, prevê pessoas maduras em humanidade, capazes de superar as dicotomias e os contrastes e construir uma rede de relações em que a fraternidade seja realçada.

Referências

- BOFF, Leonardo. Prefácio in FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ³⁰2021.
- CARRANO, Paulo C. Rodrigues. *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CIEC. Aldeia educativa in HERRERA C. Humberto S; PAULA, Jorge L. de; CHESINI, Cláudia (orgs). *Dicionário do pacto Educativo Global*. Brasília: ANEC, 2021. p. 26.
- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2022. Texto Base*. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- CNBB. *Evangelização da Juventude*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Pacto Educativo Global: Instrumentum Laboris*. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Christus vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade* in <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-educacao-pensar-geracoes-futuras-futuro-humanidade.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 71 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 80 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

GWIAZDECKI, Jean Marcos. Emergência educativa in HERRERA C. Humberto S; PAULA, Jorge L. de; CHESINI, Cláudia (orgs). *Dicionário do pacto Educativo Global*. Brasília: ANEC, 2021. p. 88.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Trad. João Paulo Monterio e Maria B. Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Abril, 2000.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

RECEBIDO: 14/08/2022

RECEIVED: 14/08/2022

APROVADO: 14/03/2023

APPROVED: 14/03/2023